

## *Representações*





## Escala e identidade na obra *Como eu atravessei a África* de Serpa Pinto

José Ramiro Pimenta\*

Ana Francisca de Azevedo\*\*

P. 53-64

### A 'região'

Este estudo refere-se a questões de identidade e escala presentes em narrativas de exploração geográfica. A partir de uma análise de uma narrativa de viagem de exploração portuguesa tardo-oitocentista – *Como eu atravessei a África*, de Alexandre Serpa Pinto –, intentar-se-á descobrir diversos atributos geográficos-culturais da actividade de um explorador que, em nome da Sociedade de Geografia de Lisboa, cruzou os territórios da África austral ao serviço do Governo português.

Este estudo será estruturado segundo uma ordem de *escala*: i) iniciar-se-á por apresentar a organização regional dos *espaços de poder colonial*, nela contextualizando o posicionamento geopolítico de Portugal no arranjo geral da Europa; ii) seguir-se-á uma apresentação sócio-topográfica das *paisagens de representação* promovidas pelos grupos sociais de que o explorador emerge na rede social do Portugal 'liberal' tardo-oitocentista; iii) tomar-se-á ainda em consideração a natureza incarnada dos *lugares de prática* em que ocorre a actividade de exploração, especialmente o modo como as concepções masculinistas do empreendimento colidem com inesperadas capacidade de acção da natureza, 'raça', género e sexualidade.

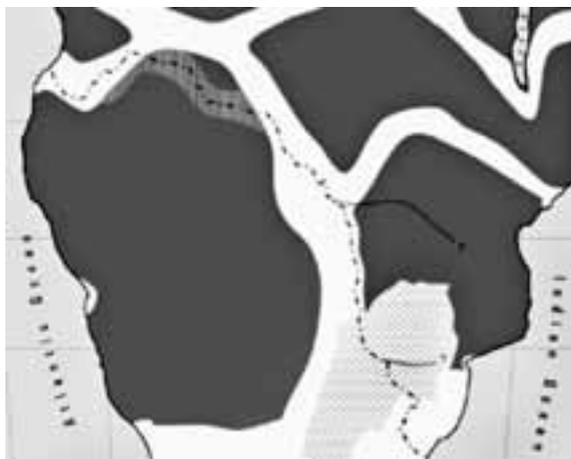
Finalmente defender-se-á a necessidade de uma história da Geografia e da exploração que seja culturalmente diferenciada, que tome em consideração a natureza e expressão das diversas culturas de exploração que foram levadas a cabo por países periféricos no contexto da Europa colonial do fim do século dezanove.

O mapa seguinte ilustra a visão do espaço de exploração quando tomada de um ponto de vista 'cartesiano' – um artefacto de visualização incorpóreo e abstracto que se relaciona com os dispositivos de poder e conhecimento que estão ao serviço estrito da dominação colonial da região. Através dele, podemos deduzir a natureza da confrontação geopolítica que ocorre no tempo do explorador cuja narrativa seguimos de perto.

A Grã-Bretanha evolui a partir do sul, enquanto Portugal pretende aproximar os 'estreitos' domínios das costas ocidental, e oriental com a intenção de os fundir através da faixa de terra que lhes é intermédia. Esta é uma corrida contra o tempo,

\* Faculdade de Letras. Universidade do Porto.

\*\* Departamento de Geografia. Universidade do Minho.



**Fig. 1 – Espaços de poder na África austral c. 1778.** [A branco, os espaços já conquistados pelas potências europeias. A região a pontilhado indica o espaço ocupado pelos Boers (Voortrekkers). A travessia de Serpa Pinto está indicada por uma linha a tracejado; desta derivam duas linhas a pontilhado que representam os dois percursos que o explorador chegou a ponderar percorrer para unir a África Ocidental e Oriental Portuguesas – de ambos foi obrigado a desistir. A ‘terra incognita’ (do ponto de vista dos Europeus) que o explorador português explorou e cartografou indica-se com um zebreado a cinzento-e-branco.]

e rapidamente evoluíra para norte. No momento preciso desta narrativa (fins de 1877-inícios de 1879), estão em curso alguns episódios dramáticos da guerra entre a Grã-Bretanha e alguns dos povos africanos (como a guerra com os Zulus perto de Pretória) assim como contra os *Boers*: Natalia já havia caído; a tomada de Orange e Transvaal está então a consumir-se.

## Poder

O governo português acredita que se vive um momento urgente, caso contrário a longa presença secular de Portugal na região da África austral pode ser posta em risco. A viagem de Serpa Pinto, organizada a nível governamental, não é acidental, como também não é a sua trajectória. O explorador explicitamente (e significativamente) afirma que os seus ‘inimigos’ por duas vezes o impediram de ‘unir’ as costas ocidental e oriental da África sob domínio dos Portugueses: em primeiro lugar, quando, em Lialui, a cidade capital do Barotse, sofreu um ataque desferido pelo rei Lobossi, a que se sucedeu a inevitável debandada de carregadores e o furto das mercadorias, forçando-o a desviar a viagem para sul e abandonar definitivamente o caminho de Tete-Zombe-Quelimane; em segundo lugar, quando, em Pretória, ainda considerava viajar directamente para leste

porque, como o espírito das conferências internacionais havia instituído, os primeiros a reclamar a presença e efectivo domínio dos territórios, ganhariam o direito de os possuir e explorar. ‘África’, nesta visão apoloniiana e desincarnada, é um imenso território ‘negro’, em que alguns clarões da ‘luz’ europeia desenham corredores de penetração dos futuros domínios-a-haver. Um óbvio desrespeito dos habitantes prévios da terra é expressão e causa do empreendimento, sejam eles verdadeiramente Africanos nativos ou colonizadores Europeus com uma presença já bissecular (*Boers*).

A Grã-Bretanha claramente lidera a corrida. No século que precede a narrativa de Serpa Pinto, ‘*Rule Britannia*’ já plenamente ocupara a colónia holandesa do Cabo

de modo a atingir a Baía da Lagoa (hoje, Baía de Maputo), onde se situava a cidade portuguesa de Lourenço Marques (Maputo), tendo neste caso sido impedido de o fazer pela eclosão de um episódio severo da guerra dos Zulus. Esta é a razão porque, apesar de ter sido um importante feito pessoal, a viagem de Serpa Pinto não poder ser considerada um sucesso do ponto de vista do governo de Portugal: o seu carácter *majestático* apenas poderia ser inteiramente cumprido se o explorador, de um modo decisivo, tivesse iniciado a jornada na ‘África Portuguesa ocidental’ e terminado-a na ‘África Portuguesa oriental’ – mas, tal não sucedeu, porquanto o explorador se viu obrigado a declinar a sua rota em direcção a sul através de territórios dominados por *Boers* ou Britânicos.

## Conhecimento

No contexto das narrativas de exploração, tão importante como a análise da expressão do *poder* sobre a terra é a correlativa análise da expressão do seu *conhecimento*. Não se trata apenas de atravessar e ocupar terras ‘desconhecidas’, mas de as reconhecer rigorosamente, traduzindo-a numa forma cartográfica reconhecível e reconhecida diplomaticamente nas conferências internacionais. É este o momento em que a ‘*Geografia*’, como ciência e discurso, adquire toda a importância como dispositivo retórico e fáctico da apropriação da terra. Alguns ocidentais haviam já pisado antes estes lugares, especialmente comerciantes e missionários, mas, ao contrário deste novos viajantes – os *geógrafos* – aqueles não poderiam, com precisão, situar um ponto ou desenhar uma linha num mapa da região.

É por esta razão que se assiste a uma especial configuração do poder geopolítico e da ciência geográfica ser concretizada na forma das *sociedades geográficas*, instituições que, com vantagem, fundiam as intrincadas relações do ‘conhecimento-de’ e ‘domínio-sobre’ África. A Sociedade de Geografia de Lisboa, apesar de ser um irmão tardio de outras instituições congéneres de mais conspícuas potências coloniais da Europa, nasceu certamente muito a tempo de cumprir o seu objectivo primordial.

O carácter especialmente ‘geográfico’ do conteúdo das missões de exploração pode, com facilidade, detectar-se na extensa colecção de instrumentos que um explorador faz transportar na sua missão, bem como nas referências recorrentes a observações e medições que assenta no seu diário – e, finalmente, e mais importante, nos esboços cartográficos que acompanham as suas notas escritas, e nas versões cuidadas que ilustram a versão publicada da narrativa de viagem.

## HOW I CROSSED AFRICA:

FROM THE  
ATLAS OF THE JOURNALS OF SERPA PINTO  
PUBLISHED BY THE GREAT BRITISH AMBASSY, &c.

By MAJOR SERPA PINTO.

**Fig. 2 – *Como eu atravessei a África*.** [A importância da ‘terra incognita’ na representação da literatura de viagem de exploração, explicitada no subtítulodo seu livro: ‘através de regiões desconhecidas ... a descoberta dos afluentes do Zambeze’].



Fig. 3 – ‘A nascente do Cuando’. [A ‘Geografia’, como ciência e discurso, adquire toda a importância como dispositivo retórico e fáctico da apropriação da terra. Alguns ocidentais haviam já pisado antes estes lugares, especialmente comerciantes e missionários, mas, ao contrário deste novos viajantes – os geógrafos – aqueles não poderiam, com precisão, situar um ponto ou desenhá-lo num mapa da região].

Serpa Pinto não é, a este respeito, muito diferente de outros exploradores. Ao longo das páginas do seu livro, podemos encontrar inúmeros exemplos da sua actividade de levantamento geográfico, juntamente com muitos exemplos de representações cartográficas de terras até então *incognitae* (para os Europeus), especialmente minuciosos no que diz respeito à parte do seu trajecto (os ‘grandes afluentes do Zambeze’)<sup>1</sup> de que o explorador faz questão informar não ter sido nunca atravessada, reconhecida nem cientificamente mensurada ou cartografada por nenhum outro ‘homem branco’.<sup>2</sup> A mensuração e cartografia da terra era um objectivo de tal modo crucial da missão que, num dos momentos mais ferozmente ‘stanleyanos’ ao longo de toda a missão, Serpa Pinto ameaça de morte o seu assistente adolescente Pepeca, se ele alguma vez se esquecesse de alimentar a corda dos cronómetros.

### O ‘acampamento’

Se temos a intenção de apreender a expressão completa das geografias culturais da exploração, então temos de aproximar a objectiva epistemológica da narrativa e

<sup>1</sup> O subtítulo ‘Descoberta das grandes afluentes do Zambeze’ surge em algumas versões inglesas do livro *Como Eu Atravessei a África* (e.g. as impressões de 1881, publicadas em Londres pela editor Low, Searle, Marston and Rivington, ou em Hartford, Connecticut, pela editora Bliss and Co.).

<sup>2</sup> Esta é a razão por que os esboços cartográficos mais detalhados que acompanham o livro de Serpa Pinto se referem às regiões que se estendem entre o Bié e o rio Cuchibi. A mesma região que, no mapa ‘regional’ que acompanha este nosso estudo, notamos com um ‘zebrado’ branco-e-cinza.

intentar reconhecer como este grupo de homens armados evolui no terreno e como se relaciona com os diversos tipos de pessoas que encontra pelo caminho. Seria desejável poder ter uma visão completa de todas as ‘vozes’ presentes neste encontro, mas infelizmente o único acesso directo de que dispomos é a narrativa escrita pelo explorador (homem e branco), todas as outras sendo apenas indirectamente apreendidas, e não tão presentes quanto a sua própria. Em todo o caso, a voz do explorador tem um poder ressoante que nos permite penetrar o que seria a ‘topografia social’ europeia das culturas de exploração, isto é, detectar, através das espacialidades do acampamento, o modo como as novas classes em ascensão no Portugal ‘liberal’ e capitalista das últimas décadas do século dezanove concebiam África e a exploração colonial da sua terra e gente.

África é vista como uma terra ‘selvagem’ e, assim, todo o tipo de relações que se estabelecem entre ela e o explorador reflecte esta determinação mental prévia: África é concebida e descrita com uma terra selvagem, repleta de animais ferozes, habitada por gente incivilizada, em que e em quem se admite toda a forma de violência ‘funcional’ em ordem ao objectivo único de obter a submissão. Existem, claro está, algumas notas agradáveis que acompanham a descrição de um traço exótico de natureza ou a característica ‘edénica’ de gentes, mas a imagem geral desenha-se segundo uma fenomenologia do ‘negro’: o clima é doentio, os solos miasmáticos, as florestas impenetráveis, os animais ferozes, as pessoas traiçoeiras... África é *inconfiável* em todas os seus aspectos e o explorador que ‘não firme esse princípio no seu espírito, inevitavelmente encontrará ali a sua sepultura’.<sup>3</sup>

Se pudéssemos deduzir (no sentido etimológico de reduzir às suas propriedades comuns) um ‘acampamento’ típico de entre as múltiplas descrições dos diversos acampamentos que o explorador estabelece ao longo da sua viagem, uma imagem óbvia de ‘alteridade-armada’ claramente acabaria por emergir, isto é, o uso constante de armas de fogo para se proteger de pessoas e animais, para matar animais e pessoas se necessário for.

### Natureza

Um dos aspectos mais marcantes da relação do explorador com a natureza não é, em si mesmo, o acto de matar animais ‘selvagens’: a necessidade óbvia de alimento e a impossibilidade de ele ser transportado desde o início da viagem naturalmente elege a caça como uma estratégia central de provisão de comida. A questão reside em outro lugar e refere-se à consignação cultural do acto de matar: frequentemente o autor informa-nos de que os animais não são apenas uma fonte de alimentação, mas também vítimas do prazer de caçar. Existe uma óbvia indicação de que a caça –, sobretudo quando se trata dos grandes animais da selva – é uma luta ‘um-contra-um’ pelo privilégio da dominação do território: leões e leopardos, crocodilos e búfalos, são meticulosamente abatidos não por que venham a servir de alimento da caravana, ou para impedir que o acampamento seja posto em risco, mas simplesmente porque o explorador não

<sup>3</sup> Serpa Pinto repetidamente afirma, ao longo das páginas do seu livro, uma espécie de ‘princípio fundamental do explorador de África’, que admite lhe ter sido em parte confirmado por Stanley, após o encontro entre os dois, quando o explorador britânico-americano terminava uma das suas viagens de exploração: ‘Nunca confiar em nada nem em ninguém’.

Just as I reached it, I knoched over an animal, which I believe is called *Leopardus jubatus*, whose skin went to swell the number which constituted my feline bed. This skin, on which I slept as far as Pretoria, I subsequently presented to Dr. Boeige.

The *Leopardus jubatus* must be rare, as I only saw two specimens throughout the course of my journey.

Fig. 4 – ‘A orgia da caça’. [Existe uma óbvia indicação de que a caça –, sobretudo quando se trata dos grande animais da selva – é uma luta ‘um-contra-um’ pelo privilégio da dominação do território: leões e leopardos, crocodilos e búfalos, todos são meticulosamente abatidos não por que venham a servir de alimento da caravana, ou para impedir que o acampamento seja posto em risco, mas simplesmente porque o explorador não ‘consegue deixar de o fazer’].

como em relação à natureza, se considera o relacionamento do explorador com as gentes da terra. Aqui e ali alguns comentários elogiosos são explicitados em relação a uma personagem em particular com quem o explorador se cruza ao longo da viagem; porém, a representação dominante dos povos nativos australo-africanos é a de incivildade, indolência e traição. Mesmo quando, por exemplo, a descrição do povo *basoto*, exprime um tom diferente do de depreciação geral (em relação à crise missionária do explorador a que mais tarde nos referiremos), a descrição dos vários povos não varia muito. Seja porque detêm o uso de comer a carne putrefacta de animais recém-enterrados (algum canibalismo é também sugerido), ou porque não se conformem com o cânone ocidental de casamento, higiene ou ‘honra’, estas gentes são continuamente apodadas de ‘selvagens’ e, mais importante, de ‘maliciosas’ – neste pormenor a representação de África está muito longe das descrições edénicas dos ‘índios’ americanos que os primeiros ‘descobridores’ dos inícios do século dezasseis nos deixaram. Aos olhos das últimas décadas do século dezanove não existe lugar em África para ‘graça inocente’, tudo está repleto de ‘selvajaria’ e ‘maldade’, nas feras e nos humanos com os quais nenhuma relação de mútuo equilíbrio se admite.

## Civilização

Por esta razão, os encontros de ‘vizinhança’ que se estabelecem entre o acampamento do explorador e as povoações das populações africanas são sempre entretecidas de uma tensão explícita: do mesmo modo como os animais selvagens que rondam o campo (leões, hienas, búfalos...) ou o penetram (escorpiões, aranhas venenosas...) são descritos como letais, também os povos nativos individualmente considerados são considerados também como um inimigo mortal.

O primeiro contacto é sempre ‘económico’ e muito ‘maussiano’ na sua expressão: algumas peças de tecido ou contas de missanga são intercambiadas por cereal ou pequenas aves domésticas comestíveis; se o negócio é mais importante, e o explorador necessita atravessar um curso de água com as canoas de uma aldeia, então alguma pólvora ou até

‘consegue deixar de o fazer’, do mesmo modo como ‘um jogador não consegue afastar-se da mesa das cartas’. E mesmo se, a determinada altura, esta orgia de morte parece começar a afectar o explorador (voltaremos mais tarde a este ponto), facilmente se poderia elencar uma longa lista de animais que encontraram o seu fim apenas por que cruzaram o seu caminho com o insaciável predador humano.

O mesmo sucede quando,

armas têm de passar para as mãos das autoridades locais, juntamente com a infamante aguardente.

Por vezes, o arranjo entre as partes é suficiente para que a caravana possa seguir viagem, mas em outros casos o poder local torna-se conspícuo e não aceita as condições propostas pelo explorador. Tal sucedeu em Lialui, onde a caravana é obrigada a lutar duro combate, que será responsável pelo insucesso parcial das determinações iniciais do governo português que exigiam o cruzamento da região entre as costas angolana e moçambicana. Localizada no âmago da região a atravessar, em pleno caudal pantanoso do Zambeze médio, a capital Lialui torna-se a ilustração perfeita da ‘alteridade-armada’ a que antes fizemos referência.

A enorme superioridade numérica terá convencido o rei Lobossi dos Lozi a atacar o acampamento do explorador. A acreditar na narrativa de Serpa Pinto, todos os esforços de sã convivência haviam sido contratados e todos também desrespeitados. A resposta por parte do explorador seria tão brutal como o próprio ataque do rei; utilizando as carabinas de caçar elefantes, providas de munições explosivas de nitro-glicerina (o que torna ainda mais vívida a compração que antes fizemos), o ‘acampamento’ contra-ataca fazendo explodir a cabeça ou a arca do tronco dos guerreiros africanos, numa ‘fenomenologia da morte’ até então desconhecida entre os Lozi, que se tornaria o principal argumento da vitória relativa do ‘acampamento’ sobre a ‘cidade’, e o modelo mais vigoroso da violenta ocupação da terra no século que se seguiria.

## A ‘tenda’

Porém, qualquer caracterização das culturas de exploração estaria incompleta se não dedicássemos alguma atenção à escala do corpo.

Uma viagem de exploração é certamente uma actividade fortemente ‘corporeal’, embora nem sempre acessível nas narrativas – a este respeito, gostaríamos de juntar um argumento mais em favor da necessidade de uma *geografia cultural das culturas de exploração* – pois o autor que seguimos providencia-nos um conjunto numeroso de detalhes acerca da sua condição física e íntima, com uma loquacidade que um explorador britânico ‘comum’ não deixaria de considerar excessiva (para dizer o menos).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Significativamente, a edição do livro em língua inglesa não inclui algumas das passagens mais loquazes que se mantêm na versão em português.

It must not be thought, however, that the Hilenus have any objection to flesh; in this country, they devour all tant falls in their way, and prefer it in a state of putrefaction.

Lions, jackals, hyenas, crocodiles, and all the carnivora are consumed with like gusto, but they have a special liking for dogs, which they eat up for food. This fondness may perhaps have arisen from the scarcity of animal food existing in the country. They are not positively cannibals, but they do from time to time indulge in a mouthful or two of a rounded neighbour. They prefer, it appears, the old, and a white-haired ancient is a present fit for a Ezo or a wealthy native chief who is going to give a banquet.

Fig. 5 – ‘Civilização’ [A não conformidade com o cânone ocidental de casamento, higiene ou ‘honra’, as gentes com que Serpa Pinto se cruza são continuamente apodadas de ‘selvagens’ e, mais importante, de ‘maliciosas’ – aos olhos das últimas décadas do século dezanove não existe lugar em África para ‘graça inocente’].

Isso permite-nos, assim, ter acesso a algumas expressões da identidade que não estão usualmente presentes nas narrativas mais distantes formuladas na 'terceira pessoa do singular'. Gostaríamos de abordar a identidade da cultura de exploração à escala da 'tenda' segundo dois modos: *doença* e *desejo*.

## Doença

One Paris orders being thus well in hand, we started for London, where we purchased our chronometers, of the firm of Dent, and sundry instruments of Casella; a good store of sulphate of quinine was also laid in, and many india-rubber articles were procured from Mackintosh, among others being two boots and some folding laths.

**Fig. 6 – 'Sulfato de quinino e seringas hipodérmicas'.** [A doença e o sofrimento físico estão sempre presentes como elementos centrais nas narrativas de exploração. Ao tempo, na Europa, uma ciência médica ainda incipiente conquistava alguns sucessos concretos, o que significava que já se insinuava um sentido de auto-domínio das condições de saúde do corpo humano. Porém, incipiente como era, não se revelava tão garantidamente eficiente nas terras longínquas de África].

Algumas substâncias farmacológicas e alguns instrumentos poderiam ser transportados pela caravana – existem inúmeras referências ao longo das páginas do livro ao sulfato de quinino e a seringas hipodérmicas – mas enquanto se caminhava pelo centro 'selvagem' da África austral não muito poderia ser feito para prevenir a exaustão física que inevitavelmente ocorria sob as condições extenuantes da viagem.

Como em qualquer outra descrição de uma 'viagem de exploração', também aqui podemos contar os numerosos exemplos da mortandade que atinge a caravana, juntamente com múltiplas referências a outros 'brancos que vieram a África encontrar a sua sepultura'.

O que parece de algum modo original nesta narrativa, e é a esta luz que gostaríamos de a analisar, é o modo como a condição do explorador segue de tão perto a avaliação psicológica que de si mesmo faz ao longo do curso dos acontecimentos, configurando uma evidente subordinação do sentimento ao pressentimento.

Um mapa teria sido útil neste contexto. Se pudéssemos olhar com atenção para os momentos de emergência de 'febre' ou 'dor reumática' e os estados mais vagos de 'depressão', ser-nos-ia evidente quão próxima a emergência destes sintomas está associada aos sucessos ou insucessos da missão do explorador: seja o momento em que os camaradas exploradores (Capelo e Ivens) o 'abandonam' no caminho do Bié, seja quando antecipa o combate em Lialui; ou quando é informado da existência de 'um branco' na margem oposta do Cuando, perto de Embarira. Mas o que é mais significativo, no contexto desta influência psicológica sobre o corpo somático, é o modo como a doença antecipa situações de clímax e como se desvanece assim que

A doença e o sofrimento físico estão sempre presentes como elementos centrais nas narrativas de exploração. Ao tempo, na Europa, uma ciência médica ainda incipiente conquistava alguns sucessos concretos, o que significava que já se insinuava um sentido de auto-domínio das condições de saúde do corpo humano. Porém, incipiente como era, não se revelava tão garantidamente eficiente nas terras longínquas de África.

Algumas substâncias farma-

a verdadeira acção se inicia: dois exemplos ilustrativos poderiam ser o mergulho do seu corpo semi-paralisado com dores reumáticas nas águas revoltas do Zambeze, ou o desaparecimento súbito dos sintomas de febre após uma batalha armada.

## Desejo

O desejo detém um papel proeminente em algumas narrativas de exploração. A urgência em deixar as zonas temperadas, e levar a cabo viagens demoradas em remotas regiões tropicais, contactando com gentes e costumes tão diferentes, é frequentemente animada pela fantasia e o desejo, como, entre muitos outros, se torna tão decisivamente óbvio no caso do explorador inglês Richard Burton.

Do mesmo modo, podemos constatar como o comportamento do nosso explorador se relaciona intimamente com o desejo e sexualidade. Nele assistimos a uma comum representação dos povos africanos como sendo sexualmente activos e indulgentes, e aos quais dedica um número significativo de linhas do seu texto, fazendo constantes referências à omnipresente nudez do corpo de mulheres e homens. Obviamente, podemos sentir um olhar ambivalente por parte do explorador – a visão do corpo seduzindo o homem, a sua crua apresentação detendo o Europeu].

Este domínio do corpo, desejo e sexualidade é tão mais significativa, quando o explorador explicitamente se apresenta a si próprio como uma personalidade não inteiramente desprovida de caracteres de 'donjuanidade'. Sob matizes eminentemente masculinistas, não deixa de fazer referências e mesmo narrar pequenos episódios que, num tom 'wertheriano', permitem ao leitor construir uma imagem de um sedutor militar a cujos encantos algumas jovens mulheres de Lisboa não teriam sido indiferentes. Neste contexto, torna-se ainda mais significativo o episódio entre os Ambuelas. Ali, duas jovens mulheres, com dezasseis e dezoito anos de idade, as filhas do rei, por ordem directa de seu pai, apresentaram-se no acampamento com a intenção de demorarem uma noite completa na tenda do explorador.

Os atributos de um 'masculinismo-confundido' podem ser vistos neste passo. A crua disponibilidade do corpo feminino induz uma inesperada reticência do corpo do próprio explorador, e apenas a influência maternal de uma mulher mais velha que acompanhava a caravana permite que a estranha situação se resolva (em última instância, este episódio irá contribuir para um sentimento generalizado de crise no explorador, que contém outras dimensões, e a que mais à frente, nos comentários conclusivos, não deixaremos de fazer referência).



**Fig. 7 – 'Opudo'.** [Serpa Pinto faz constantes referências à omnipresente nudez do corpo de mulheres e de homens. Obviamente, podemos sentir um olhar ambivalente por parte do explorador – a visão do corpo seduzindo o homem, a sua crua apresentação detendo o Europeu].

Após atravessar as vastas regiões do Zambeze médio e o deserto do Kalahari, o explorador recuperará o contacto com mulheres jovens de ascendência europeia mas, significativamente, admite perante o leitor que perdeu todos os hábitos de como lhes ser agradável; e de um modo muito óbvio ilustra esta incapacidade quando descreve o seu encontro com uma jovem mulher na carruagem que os transporta de Pretória a Durban – *ódio* é o sentimento mais conspícuo que podemos aí ver na sua relação com as mulheres.

### Comentários conclusivos: um ‘rapaz’ num mundo de homens?

Como comentário final, gostaria de invocar Mikhail Bakhtin. Quando, referindo-se à caracterização dos géneros da literatura ficcional, aquele autor usa o termo ‘cronótopo’ de modo a questionar – ‘o que sucede à personagem após a sua evolução no espaço-tempo da narrativa?’

Uma questão semelhante se poderia colocar no contexto das culturas de exploração e respectivas narrativas de viagem: *o que sucede a um explorador após ter levado a cabo a sua viagem?* Uma vez que a exploração geográfica era uma actividade muito exigente e ‘exibida’, a questão anterior torna-se ainda mais pertinente quando aplicada a uma personagem peculiar de um texto peculiar – o autor de narrativa de viagem de exploração.

No caso do autor que estamos a acompanhar neste estudo, a resposta que esta questão suscita é decerto significativa. Ali podemos ver um homem que é muito diferente no fim daquilo que era no seu princípio. Mas, significativamente, não tão diferente como quando estava no *seu ponto intermédio* – que melhor prova podemos ter dos efeitos da viagem na narrativa, da narrativa no homem, do *espaço no tempo*? Sejamos mais precisos.

A analogia que de imediato nos surge no espírito é de ‘um rapaz perdido num mundo de homens’. Quando inicia a sua viagem, o explorador é um jovem repleto de ideais de aventura, exímio no uso da carabina, capaz de seduzir uma mulher com a narrativa aventureira das suas viagens. Este personagem é o que, sem dúvida, o autor tem em mente quando, *antes de iniciar a viagem*, decide atribuir ao seu livro o título ‘A carabina d’El Rei’, título que *após a viagem* apenas encabeça o primeiro dos dois volumes, sendo guardado para título da obra completa, ‘Como eu atravessei a África’. O segundo volume apresenta um título bastante inesperado, ‘A Família Coillard’ – e veremos à frente a importância desta evocação no arranjo ‘cronotópico’ da narrativa.

### Crise e regressão

Consoante a narrativa da viagem se desenrola, este ‘rapaz’ descreve como entra em contacto com um ambiente desconhecido, uma gente hostil, e então uma mudança interior começa a ocorrer – a doença e o desejo ficam fora de controlo. Mais do que o explorador havia imaginado, África é poderosa, os animais envolventes, os indígenas valorosos, as mulheres sedutoras.

O ‘rapaz’ sofre então uma transformação profunda e começa sentir dúvidas acerca da matança indiscriminada de animais, põe em questão a sua masculinidade, teme intensamente estar sozinho no meio de gente que lhe é estranha. Neste momento,

quando a sua energia inteiramente se esvai, uma espécie de ‘conversão’ ocorre. Na narrativa, esta transformação torna-se finalmente explícita na descrição que o autor faz de François Coillard, o missionário francês, um ‘homem que percorre a selva de trás para a frente apenas com uma *badine* na sua mão’. Se recorrêssemos aos termos que Felix Driver utiliza para descrever as duas vertentes da relação do Ocidente oitocentista com a exploração, diríamos que este é o momento em que o ‘militante’ dá lugar ao geógrafo ‘triunfante’ – e esta é a razão por que o autor procedeu à alteração do título da sua obra.

Porém, esta é uma conversão incompleta, e assim que o explorador se aproxima de novo da ‘civilização’, quando atinge Pretória, Durban e finalmente regressa à Europa, o antigo ‘rapaz’ reemerge (embora com óbvias dessemelhanças com o explorador triunfante que havia encontrado Stanley nas primeiras páginas do livro – uma escuridão que ensombra a alma do autor até o fim da sua narrativa); mais uma vez, o caçador sobrepõe-se à natureza, o sentimento ignora o corpo, o ‘rapaz’ impõe-se ao homem.

E afinal, ainda que nos pareça estar em presença de uma óbvia regressão, a transformação interior não deixou de fazer o seu curso e deixar-nos um homem muito confuso no fim da sua viagem. O carácter heróico das recepções, as honras que recebe de vários governos Europeus, a atenção da imprensa, tudo acalenta o espírito de Serpa Pinto por algum tempo, mas o leitor apercebe-se de que nada voltará a ser o mesmo, porque, como o autor explicitamente nos adverte: ‘a seguir à minha viagem, comecei a sentir uma verdadeira paixão pela beleza de uma criança loura’.

Obviamente, a *negra* África reclamou parte importante do explorador. Algures no decurso da sua jornada ele a perdeu e, até ao momento em que nos escreve a sua narrativa, não tinha ainda sido capaz de a recuperar.

### Bibliografia

#### Fontes

- Pinto, A. S. (1881) *How I Crossed Africa*. Londres: Sampson Low, Marston, Searle, e Rivington.
- Pinto, A. S. (1881) *Como eu atravessei África*. Londres: Sampson Low, Marston, Searle, e Rivington.

#### Crítica

- Bakhtin, M. (1981) *The Dialogic Imagination*. University of Texas Press.
- Blunt, A. & McEwan, S. (2002) *Postcolonial geographies*. Londres: Continuum.
- Burton, R. F. (1881) Review of Serpa Pinto ‘How I Crossed Africa’ (First Notice). *The Academy*, N.º 475, May 21: 365-367; (Second Notice) N.º 475, June 11: 425-426.
- Driver, F. (2002) *The militant geographer*. Oxford: Blackwell.
- Holquist, M. (2002) *Dialogism*. London: Routledge.

- Phillips, R. (1997). *Mapping men and empire. A geography of adventure*. London: Routledge.
- Pimenta, J. R., J. Sarmiento e A. F. de Azevedo (2007). *Geografias pós-coloniais*. Porto: Figueirinhas.
- Pimenta, J. R., J. Sarmiento e A. F. de Azevedo (2011). 'Lusotropicalism: Portuguese tropical geography under dictatorship'. *Singapore Journal of Tropical Geography* 32 (2): 220-235. [doi. 10.1111/j.1467-9493.2011.00430.x.].
- Ricard, A. (2000) *Voyages de découvertes en Afrique*. Paris: Éditions Robert Laffon.
- Santos, M. E. (1988) *Viagens de Exploração Terrestre dos Portugueses em África*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Santos, M. E. (1991) *Das travessias científicas à exploração regional em África. Uma opção da Sociedade de Geografia de Lisboa*. IICT, Centro de Estudos de História e Cartografia antiga. Série Separatas, 222.

## Como Eu Atravessei a África: Um texto de Literatura de Viagens

Fernanda Carrilho\*

p. 65-77

### Literatura de Viagens – Breve enquadramento histórico

Os primórdios da Literatura de Viagens situam-se na Antiguidade Clássica; podemos encontrá-los em obras como a *Odisseia*<sup>1</sup> e *Eneida* que relatam as atribuladas viagens dos seus heróis, respectivamente Ulisses e Eneias. Os gregos, mas sobretudo os romanos, conhecidos pela sua abertura de espírito, cultivavam o gosto pela viagem. Empreendidas por factores de vária ordem (conquista, negócio, saúde, estudo ou lazer), estas tinham lugar com alguma frequência, sobretudo entre as classes que gozavam de maior desafogo económico. Os destinos mais comuns eram a Grécia e as suas apreciadas ilhas ou o campo onde muitas famílias possuíam as chamadas *Villae Rusticae*. Destas viagens resultaram relatos e descrições dos locais visitados que faziam as delícias dos seus leitores e que, ainda hoje, são sobejamente lidos, citados e apreciados. O *Périplo* de Hanão e as *Histórias* de Heródoto são alguns dos muitos exemplos.

Volvidos muitos séculos, mais concretamente a partir do séc. XV, Portugal, berço dos descobrimentos, revela uma *nova imago mundi*. A descrição do que os Portugueses encontram passa a constituir interesse para o leitor. Hernâni Cidade enfatiza a importância destes textos chegando a afirmar que “são os escritos que verdadeiramente descobrem o que os navegadores acham”<sup>2</sup>.

Estamos perante um vasto manancial de textos da autoria de marinheiros, viajantes, missionários e exploradores, que foram registando, com o aparelho teórico-conceitual que a sua formação permitia, as impressões das terras e das gentes. Este valioso espólio é passível de diferentes abordagens pela história, geografia, antropologia, etnografia, sociologia, entre outras, nunca se esgotando numa só, o que lhe confere uma riqueza ímpar.

Devido ao carácter pragmático de alguns deles, vários críticos literários, entre os quais se encontra João David Pinto Correia<sup>3</sup>, defendem que, “na maioria, constituem textos paraliterários”. Excluindo, assim, do cânone literário Roteiros, Guias Náuticos,

\* CLEPUL (Univ. Lisboa).

<sup>1</sup> Esta epopeia grega, supostamente escrita por Homero, já tem quase 2600 anos.

<sup>2</sup> Todos os sublinhados que surgirem ao longo deste trabalho são de nossa responsabilidade. Hernâni Cidade, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina: as ideias, os factos, as formas de Arte, Séculos XV e XVI*, vol. I, Coimbra, Arménio Amado, 1963, p. 197. Sublinhado nosso.

<sup>3</sup> João David Pinto Correia, *A peregrinação: autobiografia e aventura na literatura de viagens* / Fernão Mendes Pinto; apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de João David Pinto Correia, Lisboa, Editorial Comunicação, 1983.